

BEIRA DO RIO

UFPA • ANO XXXI • N. 133 • OUTUBRO E NOVEMBRO, 2016

ISSN 1982-5994

**Chocolate com sabor e
aroma da Amazônia.**

Páginas 14 e 15.

- Nesta edição
- Biblioteca do Círio
 - Entrevista com Emmanuel Tourinho
 - Dicas para um bom negócio



JORNAL BEIRA DO RIO

cientificoascom@ufpa.br

Direção: Prof. Luiz Cezar Silva dos Santos

Edição: Rosyane Rodrigues (2.386-DRT/PE)

Reportagem: Daniel Sasaki, Hojo Rodrigues e Maria Luisa Moraes (Bolsistas);

Glauce Monteiro (1.869-DRT/PA) e Walter Pinto (561-DRT/PA).

Fotografia: Adolfo Lemos e Alexandre Moraes

Fotografia da capa: Alexandre Moraes

Charge: Walter Pinto

Projeto Beira *On-line*: Danilo Santos

Atualização Beira *On-Line*: Rafaela André

Revisão: Elielson Nuayed, José dos Anjos Oliveira e Júlia Lopes

Projeto gráfico e diagramação: Rafaela André

Marca gráfica: Coordenadoria de Marketing e Propaganda CMP/Ascom

Secretaria: Silvana Vilhena

Impressão: Gráfica UFPA

Tiragem: Mil exemplares



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitor de Administração: João Cauby de Almeida Jr.

Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal: Karla Andreza Duarte Pinheiro de Miranda

Pró-Reitor de Ensino de Graduação: Edmar Tavares da Costa

Pró-Reitor de Extensão: Nelson José de Souza Jr.

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Rômulo Simões Angélica

Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento Institucional: Raquel Trindade Borges

Pró-Reitor de Relações Internacionais: Horácio Schneider

Prefeito: Adriano Sales dos Santos Silva

Assessoria de Comunicação Institucional - ASCOM/ UFPA

Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto

Rua Augusto Corrêa. N.1 - Prédio da Reitoria - Térreo

CEP: 66075-110 - Guamá - Belém - Pará

Tel. (91) 3201-8036

www.ufpa.br



Um chocolate com sabor e aroma genuinamente amazônicos. Esse é o resultado da Dissertação *Isolamento e Identificação Molecular de Populações de Leveduras Presentes na Fermentação do Cacau da Amazônia Brasileira*, defendida recentemente por Gilson Chagas Júnior, no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos da Universidade Federal do Pará (ITEC/UFPA). O estudo revelou que, no processo de fermentação de cacau no município de Tomé-Açu, atuam microrganismos cuja presença nunca foi registrada anteriormente, no Brasil.

Em meados da década de 1970, o Círio começou a chamar atenção da Academia. De lá para cá, inúmeras pesquisas já foram realizadas e, hoje, monografias, dissertações e teses estão reunidas na Biblioteca do Círio. Acessando o site www.bibliotecadocirio.org, os usuários também podem consultar fotografias, cartazes, vídeos, livros, entre outros materiais, sobre a maior manifestação religiosa da Amazônia.

Esta edição traz, também, o *Beirinha*, encarte especial publicado em outubro para o público infantojuvenil; *Infância em Tela* e uma entrevista com o reitor Emmanuel Tourinho.

Rosyane Rodrigues
Editora

ÍNDICE

Configurações da violência sexual em Altamira	4
Infância em tela	5
Biblioteca do Círio amplia acervo.....	6
Estratégias para um bom negócio.....	8
Cultura da paz e não violência	9
Otimismo e confiança	10
As conversas atrás dos muros.....	12
Sabor e aroma amazônicos	14
É Delinquentes na veia!.....	16
O Círio e a “cara do Brasil”	18

Outubro é o tempo em que os anjos descem à Terra e
nossas almas se elevam aos céus!

Alexandre Moraes
fotógrafo



FOTOS: ACERVO PESSOAL

Configurações da violência sexual em Altamira

Grandes obras têm uma relação umbilical com a violência sexual contra crianças e adolescentes. A dinâmica e o perfil populacional que essas obras mobilizam ou desmobilizam propiciam um acirramento das condições de produção da violência sexual, especialmente de exploração sexual de crianças e adolescentes, e vão se reconfigurando ao longo das etapas do empreendimento e das diferentes conformações territoriais, populacionais, da rede de proteção, assim como do mercado do sexo.

Na cidade de Altamira, sudoeste do Pará, a maior obra civil em andamento no Brasil, a Hidrelétrica de Belo Monte, ingressou na etapa de “desmobilização dos recursos humanos” em setembro de 2015, fato que motivou a realização do novo diagnóstico municipal em relação à violência sexual, incluindo a análise comparativa com os diagnósticos anteriores realizados com base em dados obtidos em 2012 e 2013, como parte das atividades do Projeto “PAIR Xingu”, do qual sou o coordenador, com apoio financeiro da Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

Em termos de condições dos serviços públicos, o diagnóstico, ao empreender análise comparativa entre 2012 e 2015, identificou a melhoria estrutural de algumas instituições, como o CREAS e a Polícia Militar, além da instalação recente do PROPAZ, assim como o aumento de instituições com mecanismos de registro de atendimento e de participação no cumprimento do Plano Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Porém também sinalizou a redução de instituições do Sistema de Justiça com equipe multidisciplinar presente apenas na Vara da Infância e da Juventude, o aumento da rotatividade de profissionais e a baixa qualificação destes para o atendimento de casos de violência sexual, além da precarização, na análise comparativa, das condições de serviços estratégicos, sobretudo do Conselho Tutelar e do CRAS I.

Por outro lado, os dados da rede de proteção apontam para a redução, a partir de 2015, dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes que ingressaram nos órgãos. Por exemplo, no Conselho Tutelar, passaram de 156 casos, em 2014, para 93, em 2015, numa redução de 40,5%, sendo que o pico de casos ocorreu em 2012, num quantitativo de 177 atendimentos. Já os dados do CREAS e do Fórum de Justiça são ainda mais incisivos na redução e indicam que esta iniciou um ano antes, ainda em 2014.

No entanto a pesquisa teve a preocupação de complementar os dados oficiais com outros obtidos com os informantes estratégicos da sociedade e, particularmente, do mercado do sexo ligado à exploração sexual de crianças e adolescentes. Tais informantes atribuíram a três fatores centrais a mudança da dinâmica de exploração sexual: (1) a reorganização territorial da população diretamente afetada pela hidrelétrica, com o deslocamento de boa parte dela para os reassentamentos urbanos coletivos da cidade de Altamira, e a migração dos pontos de exploração sexual de crianças e adolescentes presentes nesses territórios afetados para outros locais da cidade; (2) a fusão, até certo ponto, entre o mercado de drogas e o mercado do sexo, com o primeiro passando a ter grande influência e, por vezes, administrando as dinâmicas de exploração sexual de crianças e adolescentes, com ênfase em eventos festivos que ocorrem em Altamira e em outros municípios da região do Xingu; (3) a presença marcante das redes sociais digitais como instrumentos de reconfiguração da relação entre clientes e adolescentes envolvidas com exploração sexual, que passaram a desenvolver contato direto com o aliciador, cuja figura foi transmutada para a própria tecnologia.

Identificou-se, ainda, o papel estratégico do ambiente escolar como locus do “aliciamento tecnológico”, em que adolescentes inseridas em exploração sexual

atuam no convencimento de colegas a se envolverem também, apelando para a ideologia de consumo a fim de cativá-las, sob a perspectiva de que “podem ter mais” ou conseguir alterar seu poder aquisitivo.

Percebeu-se que a condição de vulnerabilidade familiar não, necessariamente, está relacionada com o ingresso das adolescentes na exploração sexual, mas está sempre presente a ideologia do consumo como discurso de convencimento e autocompreensão dos motivos de inserção, não somente para evidenciar a necessidade de aquisição de bens para si ou de aumento do poder de consumo, mas também com base na dimensão simbólica de desejo de ascensão e visibilidade social. Também há uma perversa relação com a dimensão da cidadania, pois, para tais adolescentes, o mercado do sexo funcionaria simbolicamente como local de realização de direitos não satisfeitos em outros espaços sociais (família, escola, comunidade e Estado), ainda que isso acarrete a mercantilização de suas cidadanias, corpos e sexualidade.

A pesquisa reforça o entendimento de que a quantidade de dados oficiais relativos à violência sexual contra crianças e adolescentes, sobretudo à exploração sexual, ainda está aquém da dinâmica real identificada no município, sendo necessário o adensamento das investigações policiais para o desmantelamento do mercado do sexo, mas também o melhor entendimento pela rede de proteção dos sentidos e significados apresentados pelas adolescentes, pois é preciso tanto discutir a desconstrução da ideologia do consumo por meio de atividades de sensibilização no espaço escolar e de mobilização da sociedade civil quanto aportar o acesso a serviços e bens públicos que, efetivamente, assegurem a materialização da cidadania de crianças e adolescentes.

Assis Oliveira é professor de Direitos Humanos da Faculdade de Etnodiversidade da UFPA. assisdco@gmail.com

CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO

Um documentário
sobre publicidade,
consumo e infância.

Direção
Estela Renner
Produção Executiva
Marcos Nisti



Infância em tela

Cinema traz à tona temáticas associadas às crianças e aos adolescentes

cia (PIA), que realiza projetos com o objetivo de melhorar a educação de crianças. Um desses projetos é o “Infância em Tela”, que consiste em utilizar filmes com temáticas associadas às crianças e aos adolescentes, para que sejam usados como elementos pedagógicos nas escolas. Até 2013, os filmes tinham exibições esporádicas, complementando outras ações do PIA, mas, em razão da grande procura de profissionais da área, a ação foi transformada em projeto, em 2014. “Foi uma atividade muito despretensiosa no início, mesmo com toda a seriedade que implica, mas acabou tomando proporções significativas”, conta o coor-

denador do projeto e professor da UFPA, Carlos Alberto Maciel.

Os filmes são exibidos na UFPA e em instituições parceiras, como a República de Emaús, o Colégio Lar Fabiano de Cristo, a Casa Espírita Lar de Maria, e em outras instituições escolares nos bairros Terra Firme, Guamá e na Ilha do Combu. Essas instituições solicitam que a metodologia seja trabalhada entre seus profissionais, para ser adaptada por eles em outras atividades nas salas de aula. “São instituições com as quais o PIA já tem alguma proximidade desde que ele começou como programa, há 20 anos, por meio de outros projetos”, explica Carlos Alberto.

■ Maria Luisa Moraes

Uma menina de aproximadamente 12 anos saiu da casa dos seus pais, no interior, para estudar na capital e morar com uma tia ou madrinha. No entanto ela também está cuidando das crianças menores da casa e fazendo serviços domésticos de todo tipo. Essa é uma história de ex-

ploração infantil, mas, por ser tão comum, muitas vezes passa por nós como algo normal. Discutir esse tipo de problema é trabalho de profissionais como pedagogos, professores, assistentes sociais, psicólogos, entre outros especialistas que trabalham diretamente com crianças e adolescentes.

Aqui, na UFPA, existe o Programa Infância e Adolescên-

Exibição do filme é enriquecida por apresentação dialogada

Como etapa de preparação, a equipe do projeto assiste aos filmes previamente e um pesquisador da UFPA é convidado para orientar o diálogo sobre a película indicada. Os filmes são discutidos com base em referências teórico-metodológicas que podem contribuir para problematizar e desvendar o fenômeno infantil abordado em seus conteúdos. São debatidos, também, aspectos sociológicos, culturais, antropológicos ou psicológicos que possam ser destacados. É organizada, ainda, uma apresentação em *slides*, para orientar a discussão sobre os pontos destacados na análise realizada. Após essa etapa, a dinâmica da atividade ocorre com a exibição do filme para o público-alvo e a apresentação dialogada pelo pesquisador convidado pelo PIA.

A veiculação de filmes em sala de aula é uma prática considerada comum, mas Carlos Alberto explica que a diferença do “Infância em Tela” está justamente no recorte temático que é feito. “Procuramos dar uma direção nas discussões feitas, com o objetivo de qualificar a intervenção dos profissionais que atuam com crianças e adolescentes”, afirma.

Os filmes escolhidos retratam problemas, como violência, exploração sexual, trabalho infantil, entre outros. “Por exemplo, o filme pode expor uma cultura que trata como ‘normal’ o trabalho infantil, então nós, ao discutirmos sobre o trabalho infantil, abordamos também acerca do contexto sócio-histórico que favorece as pessoas a olharem esse fenômeno como uma

coisa normal”, explica Carlos Alberto.

Crianças e adultos - Outra discussão levantada é a relação entre crianças e adultos. “As crianças ainda são tratadas como seres coadjuvantes dentro da construção social. A criança não tem espaço de fala, quando ela se manifesta, é tratada como uma coisa de menor valor, ‘coisa de criança’, algo que não é tão importante”, diz Carlos Alberto. Ele destaca que, mesmo em filmes mais atuais, o modo como a criança é tratada pouco mudou.

Algo muito sério que também está presente na abordagem de vários filmes é a violência como forma de educação das crianças. “A violência é um elemento que, de certa forma, ‘se naturalizou’ no processo de educação. Castigar ou aplicar surras para que a criança aprenda é recorrente nos

filmes e algo que nos assusta”, preocupa-se o professor.

O consumismo infantil também é tema de debate. “Estamos utilizando um documentário de 2008 que se chama ‘Criança, a alma do negócio’”. Nele, a criança é induzida a adotar um comportamento consumista desde cedo e isso, de certa forma, é algo tão marcante e forte que as pessoas nem percebem que colaboram para as crianças adotarem esse comportamento”, alerta.

O PIA disponibiliza cópias dos filmes e dos *slides* para utilização dos professores nas escolas. A importância do trabalho também consiste em usar os filmes para ensinar e refletir, porque pode haver crianças passando por situações similares às dos filmes. Dessa forma, é importante a reflexão sobre as situações abordadas.

Biblioteca do Círio amplia acervo

Plataforma virtual disponibiliza estudos, revistas e cartazes

■ Walter Pinto

Embora com mais de dois séculos de existência, o Círio de Nazaré só começou a atrair a atenção da Academia em meados da década de 1970, quando o antropólogo Isidoro Alves defendeu a dissertação *O carnaval devoto: um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Publicado pela Editora Vozes, em 1980, o trabalho pioneiro do antropólogo logo se tornou uma referência sobre o tema.

Quase vinte anos transcorreriam até que outro estudo, de igual envergadura, revisitasse o Círio, mesmo não sendo este o tema central da tese *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Defendida em 1995, o estudo do antropólogo Heraldo Maués seguiu o mesmo caminho da dissertação pioneira, tornando-se um clássico da Antropologia amazônica.

Parece incrível que a Academia não tenha assestado suas lentes sobre aquela que é a maior manifestação cultural e religiosa da Amazônia por tão longo tempo. A entrada no novo milênio, porém, corrigiu essa distorção. O acervo acadêmico sobre o Círio cresceu significativamente, principalmente nos últimos anos, por meio de monografias, dissertações e teses.

Em 2014, o Projeto UFPA 2.0 equacionou um problema de fontes e referências bibliográficas ao reunir, num só local, os trabalhos acadêmicos e não acadêmicos sobre o Círio. Assim nasceu a Biblioteca do Círio, um repositório *on-line* disponível para consulta no endereço <http://bibliotecadocirio.org/>. Nela, os interessados encontrarão fotografias, vídeos, cartazes, livros, artigos, monografias, dissertações e teses sobre o Círio de Nazaré. Poderão acessar, por exemplo, a imagem mais antiga do Círio, um desenho que reproduz a romaria de 1878, publicado na Revista *Puraquê*, editada pelo fundador da caricatura no Pará, o alemão Karl Wiegandt.

A imagem de Wiegandt, coletada pelo historiador Vicente Salles, utiliza-se da sátira para reconstruir a crise entre Igreja e Diretoria da festa, que estava proibida de realizar a romaria por determinação do bispo Dom Macedo Costa. Apesar do veto, o povo foi às ruas homenagear a padroeira da cidade.



Visitantes têm acesso a raridades fora de catálogo

Na Biblioteca, o internauta também poderá acessar o último estudo acadêmico sobre o Círio de Nazaré, a tese da jornalista e professora da Faculdade de Comunicação Regina Alves, *O manto, a mitra e o microfone: a midiatização do Círio de Nazaré em Belém do Pará*, uma das cinco teses disponibilizadas, juntamente com 296 fotografias, 24 vídeos, 15 folhetos, 24 artigos, nove dissertações e cinco monografias.

A proposta da Biblioteca é ser uma plataforma cultural e científica em permanente construção, aberta à contribuição de qualquer pessoa que detenha algum registro do Círio. Para

contribuir com o acervo, o interessado deve entrar em contato com os coordenadores da Biblioteca na *site* da plataforma. Após a análise do material, ele poderá ser disponibilizado para consulta. O professor Flávio Nassar é o coordenador geral; a professora Regina Alves, a coordenadora acadêmica.

O internauta que navegar pela Biblioteca do Círio terá acesso a verdadeiros tesouros, não mais encontrados no mercado editorial. Exemplo disso é a revista em quadrinhos *História da santa milagrosa para adultos e crianças*, de Raimundo Aguiar de Matos, publicada em 1978. Em 32 páginas, capa em cores

e miolo em preto e branco, o artista recria o mito de Plácido, o caboclo que encontrou a imagem de Nossa Senhora de Nazaré em um igarapé próximo ao local onde foi construída a Basílica de Nazaré.

Com um traço que remete aos pintores primitivos, Matos realiza um levantamento histórico do Círio pontuando diferentes momentos, desde a construção da choupana pelos primeiros fiéis até os Círios da década de 1970. Esta foi a primeira HQ sobre o Círio. A segunda seria publicada em 1993 pelo cartunista Luiz Pinto e reeditada em 2014, totalmente colorizada.

Outras preciosidades da Biblioteca são os antigos cartazes, álbuns e programas do Círio, peças até então sem grandes apelos estéticos, mas impregnadas de grandiloquência textual para dar conta da enorme paixão dos romeiros pela imagem da padroeira de Belém. O programa do Círio de 1904 anuncia que “profusas e tronitroantes gyrândolas de foguetes subirão aos ares, como alegres mensageiras, anunciando aos habitantes de nosso bello torrão que vai ter início a festa tradicional pela qual sua alma brilha de satisfação e júbilo, e seu coração transborda de entusiasmo e carinho”.

Uma romaria de muitas histórias e muitos personagens

O Círio é também uma gigantesca romaria de história e personagens. Um desses personagens teve grande atuação entre 1966 e 1982 no comando da corda - e do próprio Círio - e ainda hoje é lembrado pelas antigas gerações, como observa a jornalista Regina Alves, em sua tese de doutorado. O tenente Orlando Souza esteve à frente

de 16 círios e 15 trasladações. Sua entrada no Círio aconteceu quando tinha 50 anos, logo depois de ser admitido na Polícia Civil. Foi designado pelo então secretário de Segurança Pública, atendendo ao pedido de policiamento feito pelo arcebispo Dom Alberto Ramos. A história de Orlando Souza surpreende porque ele era membro da

Igreja Presbiteriana e maçom. Acompanhe o relato da autora:

“De paletó e gravata, coadjuvado por dois investigadores da antiga Divisão de Vigilância Geral, chegava de madrugada para retirar grandes pregos que alguns promesseiros afixavam na corda - em tese, serviriam como apoio para que as mãos não escorregassem e

eles perdessem o lugar duramente conquistado. Separava homens e mulheres e usava um apito, código acatado por todos: dois silvos e a corda parava; um silvo e a marcha recomeçava. O trabalho funcionou tão bem que dom Alberto fez questão de mantê-lo como senhor da corda mesmo depois da criação da Guarda de Nazaré, em 1974”.

Pós-Graduação

Dissertações

1. *O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos: uma análise sobre o Círio de Nazaré em Belém-PA.* Autora: Débora Rodrigues de Oliveira Serra.
2. *Três vestidos fazem pra se apresentar: um estudo sobre o vestir no espetáculo O Auto do Círio.* Autor: Francisco Edilberto Barbosa Moreira.
3. *Igreja Católica no mundo digital: as tensões entre discurso e prática da igreja na era da internet e as redes de relacionamento*

- do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de midiatização religiosa. Autora: Thamiris Magalhães de Souza.
4. *Círio de Nazaré: da taba marajoara à aldeia global.* Autora: Regina Alves.
5. *Sociabilidades no Mercado de Peixe do Ver-o-Peso durante o Círio de Nazaré.* Autora: Lícia Tatiana Azevedo do Nascimento.
6. *O discurso religioso do Círio de Nazaré: uma dívida com o sagrado.* Autor: Ildimar Viana Assunção.
7. *Negócios sagrados: reciprocidade e mercado no*

Círio de Nazaré. Autora: Vanda Pantoja.

8. *Matemática e cultura amazônica: representações do brinquedo de miriti.* Autor: Ivamilton Nonato Lobato dos Santos.
9. *Festa e conflito: d. Antônio e a Questão de Nazaré.* Autora: Patrícia Carvalho Sanatório Monnerrat.

Teses

1. *Círio de Nazaré: a festa da fé como comunhão solidária – uma análise teológica a partir da*

concepção de Juan Luís Segundo. Autor: Josimar da Silva Azevedo.

2. *Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré.* Autora: Lucília da Silva Matos.
3. *Círio de Nazaré: a festa da fé e suas (re)significações culturais.* Autora: Ivone Maria Xavier de Amorim Correa.
4. *O manto, a mitra e o microfone: a midiatização do Círio de Nazaré em Belém do Pará.* Autora: Regina Alves.
5. *Festa à brasileira: significados do festejar no país que “não é sério”.* Autora: Rita de Cássia de Mello Peixoto Amaral.

Estratégias para um bom negócio

Curso de Administração faz consultoria gratuita para microempresas

A consultoria envolve análise, diagnóstico e acompanhamento das micro e pequenas empresas.



■ Daniel Sasaki

Muitas pessoas sonham em ter o seu próprio negócio. Seja por independência, autonomia, seja por colocar em prática suas próprias ideias, muitos brasileiros aventuram-se no empreendedorismo. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), as

micro e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil, um resultado que vem crescendo nos últimos anos.

Por diversas razões, alguns empresários enfrentam dificuldades para explorar as oportunidades e ultrapassar os desafios. Com base nessa observação, o professor Luís Alberto Monteiro de Barros, da Faculdade de Administração (ICSA/UFGA), elaborou o Projeto de Exten-

Análise e diagnóstico das empresas

O projeto iniciou no primeiro semestre deste ano, com 35 empresários. “Há empresas de vários segmentos, como confecções, distribuição de alimentos, comércio, serviços, fabricação de móveis, entre outros. Não há restrição com relação à área de atuação, porém nosso público-alvo são aquelas empresas de menor porte”, esclarece o professor Luís Barros.

As consultas às empresas são realizadas por uma equipe de estudantes de Administração, sob a supervisão e coordenação do professor. O objetivo é efetuar uma análise da empresa e de seu ambiente e, posteriormente, elaborar um diagnóstico. Na consultoria, os estudantes aplicam técnicas aprendidas em sala de aula. “A partir do diagnóstico, nós auxiliamos a empresa na elaboração de um planejamento de ações para

que ela venha alcançar o objetivo que identificarmos como prioritário para a organização, em médio prazo”, esclarece o professor.

O projeto está previsto para durar dois anos e a ideia é fazer um acompanhamento dessas organizações. “O conhecimento que vai ser gerado virá da análise dos resultados obtidos pelas empresas atendidas, para que se busque entender o que faz com que determinadas empresas alcancem o sucesso e outras não”, afirma o pesquisador.

A meta é atender 100 empresas. Para informações, os empresários interessados devem comparecer à sala do Projeto Estratégia MPEs, na Faculdade de Administração (Prédio do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas), das 14h às 18h, ou entrar em contato: (91) 99837-4360, e-mail: estrategiampes@gmail.com

são “Estratégia MPEs”, que oferece consultoria gratuita para micro e pequenas empresas paraenses.

O objetivo é compartilhar conhecimentos. “Queremos proporcionar o acesso das micro e pequenas empresas a um conhecimento que, em condições normais, elas não teriam e inserir os estudantes de Administração nesse meio, para que eles vivenciem o ambiente real e realizem pesquisa”, explica.

Segundo Luís Barros, as micro e pequenas empresas respondem por uma parcela significativa dos empregos no País, sendo de fundamental importância para a economia. “Algumas vezes, empreender é a única saída para quem perdeu o emprego. Acredito que o Brasil é um país de empreendedores não por uma contingência econômica, mas porque, de fato, há um interesse, uma vocação. Muitas pessoas gostam e desejam ter um negócio próprio”, avalia.

SEU NEGÓCIO

1 – Identifique uma boa oportunidade que vá ao encontro da sua vocação.

2 – Faça uma análise realista do contexto no qual a organização estará inserida: os clientes, os concorrentes e os fornecedores, além dos aspectos que podem interferir no sucesso do seu negócio (questões políticas, econômicas, ambientais, tecnológicas etc.).

3 – Depois de realizada essa análise, defina a sua estratégia de competição, estruture a empresa para explorar a oportunidade encontrada e ultrapassar os desafios que surgirem. Então coloque em prática ações que conduzam a empresa ao alcance dos objetivos. Avalie, reavalie, re programe o que for preciso, o tempo todo.

Cultura da paz e não violência

Projeto promove ações em delegacias e escolas da RMB

■ Hojo Rodrigues

A violência nas grandes cidades tem crescido nos últimos anos. Nesse contexto, foi criado o Programa de extensão “Defesa e Paz Social”, coordenado pelas professoras Veronica do Couto Abreu e Vera de Souza Paracampo, da Faculdade de Serviço Social da UFPA (ICSA/UFPA).

Com o objetivo de diminuir a violência nos ambientes policiais e escolares da Região Metropolitana de Belém (RMB), o programa contribui com ações interventivas e investigativas na área da Segurança Pública do Estado, favorecendo a construção de uma cultura de paz e não violência.

No programa, as docentes começaram a estudar a violência urbana por meio de trabalhos de pesquisa e da presença de alunos do curso de Serviço Social nos campos de estágio. Elas perceberam o aumento da violência em espaços sócio-ocupacionais e a necessidade de a Universidade acompanhar essas mudanças contemporâneas.



ADOLFO LEMOS

As professoras Veronica do Couto Abreu e Vera de Souza Paracampo são coordenadoras do projeto.

Atuando na perspectiva de não violência, com o Núcleo de Pacificação e Prevenção da Violência (NUPREV), órgão integrante da Polícia Civil do Estado, o programa faz-se presente nas Seccionais Urbanas (SUs) da Pedreira, de Marituba, de São Brás, da Sacramenta, do Júlia Seffer, da Cidade Nova, do Guamá e da Terra Firme, e também nas delegacias especializadas. Dentro do programa, existem o Serviço Social nas Seccionais Urba-

nas da RMB e os Peregrinos da Paz.

O Serviço Social nas Seccionais tem vinculação com os campos de estágio supervisionado na área de Defesa Social. Atuam, em média, 30 alunos do curso de Serviço Social, anualmente, presentes nas seccionais urbanas e nas divisões especializadas em que o programa age. Há, também, a presença de 38 assistentes sociais, os quais acompanham os alunos como supervisores de campo.

Assistentes sociais já atenderam quase cinco mil pessoas

Até 2015, os alunos, com os assistentes sociais, participaram efetivamente do atendimento de aproximadamente 4.808 pessoas. Desde o início do projeto, cerca de 110 alunos já foram envolvidos nos campos de estágio, como bolsistas e voluntários, acompanhando a atuação dos assistentes sociais. “Os alunos vivem uma importante experiência profissional em sua formação nos estágios. São supervisionados pelos assistentes sociais, enquanto eu e a professora Vera Paracampo acompanhamos assessorando, monitorando e apoiando o desempenho e a formação

deles”, explica a professora Veronica Abreu.

Os assistentes sociais e os bolsistas trabalham, entre outros instrumentais técnico-operativos, com a mediação dos mais variados conflitos que chegam às seccionais e divisões especializadas. No geral, são conflitos familiares, de gênero, entre vizinhos, além de casos de injúria, calúnia, difamação, ameaças e questões envolvendo drogas. “Estes conflitos envolvem todas as classes sociais e faixas etárias. Mas, obviamente, as pessoas mais atendidas pertencem à classe baixa, enquanto as de classe média têm maior resistência

em resolver os problemas na delegacia”, conta Veronica Abreu.

O Projeto Peregrinos da Paz começou em 2006, numa parceria entre a Faculdade de Ciências Sociais e a Faculdade de Serviço Social, e foi idealizado pela professora Kátia Mendonça, do IFCH/UFPA. Foram recrutados cerca de 50 alunos dos cursos de Serviço Social, Ciências Sociais, Pedagogia, Psicologia e Artes, da UFPA, para pesquisarem as 24 escolas públicas mais violentas da RMB. Foram realizadas diversas atividades com os estudantes, no intuito de propagar a cultura de paz e não violência nas escolas.

Entre os anos de 2009 e 2015, o Programa Defesa e Paz Social possibilitou a elaboração de cerca de 40 Trabalhos de Conclusão de Curso com as temáticas da não violência, assim como foram publicados livros no Brasil e no exterior, com vários artigos produzidos no programa, sobre violência, educação, mediação de conflitos e Serviço Social no campo da Segurança Pública.

Mesmo com diversas dificuldades, o programa tem atingido suas metas atuando na formação dos assistentes sociais e dos professores de escolas públicas.

Otimismo e confiança

O reitor Emmanuel Tourinho fala dos planos para a UFPA

ALEXANDRE MORAES



■ Walter Pinto

Emmanuel Zagury Tourinho, 54 anos, doutor em Psicologia pela USP, professor titular da UFPA, foi eleito pela comunidade acadêmica reitor para o quadriênio 2016-2020. Entre as várias funções que exerceu, ele foi pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, coordenador do Comitê Assessor da Área de Psicologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e presidente do Colégio de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação das Instituições Federais de Educação Superior. Atualmente, é bolsista 1C de produtividade em pesquisa do CNPq. Sua atividade de pesquisa foca-

liza processos comportamentais culturais, autocontrole, eventos privados e terapia analítico-comportamental. Ao lado do vice, Gilmar Pereira da Silva, doutor em Educação, Emmanuel Tourinho assume a Reitoria em momento de grave crise econômica nacional. Apesar de reconhecer que a crise “impõe restrições e exigências consideráveis para os gestores e membros da comunidade universitária”, ele se mostra confiante, diz que será possível continuar avançando na UFPA, e fala aqui um pouco dos seus planos para alcançar a meta.

Prioridades mais urgentes

Qualificar o ensino de graduação, consolidar o siste-

ma de pesquisa e pós-graduação, avançar nas políticas de inclusão social e fortalecer o projeto *multicampi* da UFPA são as prioridades.

Na graduação, é necessário apostar em propostas inovadoras, que criem ambientes estimulantes para os alunos e sejam eficientes na sua formação, valorizem a sua curiosidade e a sua capacidade de aprender, estimulem uma interlocução mais diversificada e a criatividade intelectual.

Na pós-graduação, pretendemos avançar no grau de internacionalização da pesquisa desenvolvida na UFPA e na nossa capacidade de empregar o conhecimento aqui produzido no desenvolvimento de soluções para os problemas da Amazônia. Além disso, pre-

cisamos lembrar que estamos inseridos em um ambiente de acentuada desigualdade e exclusão, no qual largas parcelas da população não têm acesso aos bens materiais e culturais que produzimos.

Temos políticas de inclusão que têm dado contribuição extraordinária no enfrentamento dessa realidade social e elas precisam ser mantidas e fortalecidas, sobretudo para garantir a permanência, na UFPA, dos discentes em condição de vulnerabilidade socioeconômica.

Devemos, também, atuar fortemente na promoção, dentro e fora da UFPA, de uma cultura de tolerância, de respeito e valorização das diferenças, de combate à discriminação e ao preconceito. Todas

essas prioridades precisarão ser tratadas considerando o caráter *multicampi* da UFPA.

Avançar na crise

A crise financeira vivida pelo País impõe restrições e exigências consideráveis para os gestores e os membros da comunidade universitária, mas estou confiante em que será possível continuar avançando na UFPA, com planejamento, priorização de investimentos que geram resultados diretamente relacionados com os nossos objetivos estratégicos e maior esforço para a captação de recursos com o MEC e com outros potenciais parceiros.

Estaremos alinhados com o esforço da Andifes para manter e expandir os orçamentos das universidades públicas e para continuar e fortalecer os programas, como o Proinfra, da Finep, o qual destina recursos para a infraestrutura de pesquisa nas nossas instituições. Por outro lado, muitos dos desafios que precisamos vencer dizem respeito ao aprimoramento dos nossos próprios processos de gestão, e iniciativas nessa direção serão estimuladas e valorizadas.

Ciência sem Fronteira

O programa precisa continuar e com aperfeiçoamentos. Ele é importante para acelerar o processo de internacionalização das universidades brasileiras e, para isso, precisa estar integrado às políticas acadêmicas e de pesquisa das nossas instituições.

Em qualquer país, investir na internacionalização das universidades não é uma escolha, é parte do esforço necessário para a nação alcançar autonomia científica e tecnológica e, assim, garantir a sua soberania.

Entre as mudanças necessárias, é importante promover a mobilidade na graduação

e na pós-graduação, de modo mais equilibrado; é indispensável alargar a cobertura do programa para incluir as áreas de Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Letras e Artes; é importante os estágios serem realizados pelos alunos no âmbito de iniciativas de cooperação acadêmica e de pesquisa entre grupos de pesquisa locais e parceiros potenciais nas instituições estrangeiras; é essencial o plano de trabalho do aluno estar integrado ao seu plano de formação, sob supervisão, na universidade de origem; é necessário estabelecer um processo de avaliação criterioso do aproveitamento dos bolsistas ao longo do estágio, não apenas ao final; por último, e mais importante, o programa deve ser executado com recursos novos, não pode continuar sendo financiado com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), comprometendo ações fundamentais da política de ciência, tecnologia e inovação do País, nas quais estes recursos deveriam ser empregados.

um sistema de formação que privilegia a sala de aula. Precisamos fazer um movimento em que, ao mesmo tempo, ocorra maior investimento na construção/atualização de laboratórios de ensino e mudanças dos currículos de nossos cursos de graduação, para conferir maior espaço e valor às atividades de formação desenvolvidas nesses ambientes. Além de uma produção científica crescente e de elevado nível, os laboratórios da UFPA, hoje, prestam inúmeros serviços à sociedade - aos governos, a organizações sociais e a empresas que buscam a inovação. A visibilidade dessas iniciativas é ainda reduzida e pode melhorar dentro e fora da Instituição.

Laboratórios

O parque de laboratórios e equipamentos de pesquisa da UFPA é, hoje, notável, no geral, comparável aos laboratórios das melhores universidades brasileiras e, em algumas áreas, do mesmo nível das melhores universidades no mundo. Ele tem sido constituído principalmente com recursos de parcerias, sobretudo com a Finep, com o CNPq e com a Capes. Como o

Uma das nossas metas é intensificar a transferência de conhecimento

custo para a aquisição e manutenção dessa estrutura é hoje muito elevado, precisamos incrementar a cultura do uso compartilhado, otimizando recursos e esforços de pesquisadores e da Instituição. Já os laboratórios de ensino deixam a desejar e isso está, parcialmente, relacionado com o fato de que temos

um sistema de formação que privilegia a sala de aula.

precisamos fazer um movimento em que, ao mesmo tempo, ocorra maior investimento na construção/atualização de laboratórios de ensino e mudanças dos currículos de nossos cursos de graduação, para conferir maior espaço e valor às atividades de formação desenvolvidas nesses ambientes. Além de uma produção científica crescente e de elevado nível, os laboratórios da UFPA, hoje, prestam inúmeros serviços à sociedade - aos governos, a organizações sociais e a empresas que buscam a inovação. A visibilidade dessas iniciativas é ainda reduzida e pode melhorar dentro e fora da Instituição.

Transferência de conhecimento

A intensificação da transferência de conhecimento de ponta para os setores não acadêmicos da sociedade é uma de nossas metas e será buscada por meio de ações executadas em diversas frentes. A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação contará com um programa específico para esse fim, o Programa de Apoio à Transferência de Conhecimento para a Sociedade

(PATS). A Pró-Reitoria de Extensão adotará um papel também indutivo para a execução de projetos voltados a interesses emergenciais da sociedade (por exemplo, nas áreas de saúde, educação básica e inclusão social).

A Agência de Inovação da UFPA (Universitec) atuará mais intensamente no suporte a grupos empreendedores que se interessem pelo potencial de inovação do nosso sistema de pesquisa. Também pretendemos fortalecer a parceria com o governo do Estado do Pará, no Parque de Ciência e Tecnologia do Guamá, que já abriga alguns dos nossos melhores laboratórios de pesquisa e desenvolvimento.

É preciso dizer que a transferência de conhecimento já acontece na UFPA em larga escala, ainda que sem uma divulgação à altura do que vem sendo feito. Poderíamos listar dezenas (talvez centenas) de iniciativas nessa direção. Temos colocado a nossa competência acadêmica e científica a serviço do desenvolvimento de soluções para problemas em algumas áreas, como saúde pública, conservação ambiental, educação, transportes, biotecnologia, segurança, direitos humanos, gestão pública, entre tantas outras. Os leitores iriam se surpreender com tudo que é feito dessa ordem na UFPA. Por outro lado, da parte de muitos setores da sociedade que já têm usufruído diretamente dessas realizações, contamos com enorme reconhecimento.

Metas para o ensino

Precisamos consolidar o projeto *multicampi*, elevar a qualidade do ensino, fortalecer as políticas de assistência estudantil e inclusão social e propiciar condições para o desenvolvimento profissional de técnicos e docentes por meio da qualificação e capacitação.

As conversas atrás dos muros

Pesquisa levanta relatos sobre violência e preconceito

■ **Maria Luisa Moraes**

Atualmente, o ensino público brasileiro enfrenta muitos desafios. Além da falta de estrutura nas escolas, outro tema está sempre em pauta: a violência presente no ambiente escolar. O Projeto “Violência e Preconceito nas Escolas”, idealizado pelo Fórum das Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), mapeou dados em cinco escolas de três Estados da Região Norte do Brasil. Na Universidade Federal do Pará, o trabalho foi coordenado pelo professor Mauricio Rodrigues de Souza.

Em 2012, o FENPB propôs o projeto ao então ministro da Educação, Aloizio Mercadante, e, no ano seguinte, a partir de uma carta de intenção, o projeto iniciou-se. Foram formadas equipes em 10 universidades federais para coletar

dados de todas as regiões do País. A Universidade Federal do Mato Grosso foi gestora central da pesquisa.

Todas as equipes eram multidisciplinares. Na UFPA, além do professor Mauricio de Souza, de Psicologia, a equipe também contou com os professores Jaime Luiz Cunha de Souza (Sociologia), Luanna Tomaz de Souza (Direito), Fernanda Valli Nummer (Antropologia) e Ivany Pinto Nascimento (Educação).

Em 2013, a equipe começou a pesquisa. Na primeira etapa, os pesquisadores fizeram um levantamento bibliográfico sobre violência e preconceito na escola, no Brasil. “Encontramos teses, dissertações, livros, capítulos de livros, artigos, panfletos, cartilhas etc.”, conta o professor.

A pesquisa de campo teve início em 2014, quando os pesquisadores visitaram escolas no Pará, Amapá

e Tocantins. Dada a abrangência da pesquisa, as escolas deveriam oferecer os ensinos fundamental e médio. A equipe permanecia nas escolas por três dias, em média, realizando dinâmicas de grupo, oficinas em sala de aula, rodas de conversa com pais, professores e funcionários.

“Em Palmas, a participação de alguns pais, funcionários, professores e corpo diretivo foi muito boa, tendo gerado, além de dados significativos, bela troca de experiências. Já em outros lugares, notamos menor presença, desinteresse e descrédito quanto a possibilidades de melhorias efetivas. Cabe acrescentar aqui, porém, a delicada situação vivida por vários colegas professores, os quais, além de baixos salários e condições precárias de trabalho, relataram medo e insegurança no exercício do seu trabalho”, conta o professor Maurício.

Equipe multidisciplinar visitou escolas de ensino fundamental e médio no Pará, Amapá e Tocantins.

FOTOS ACERVO DO PROJETO

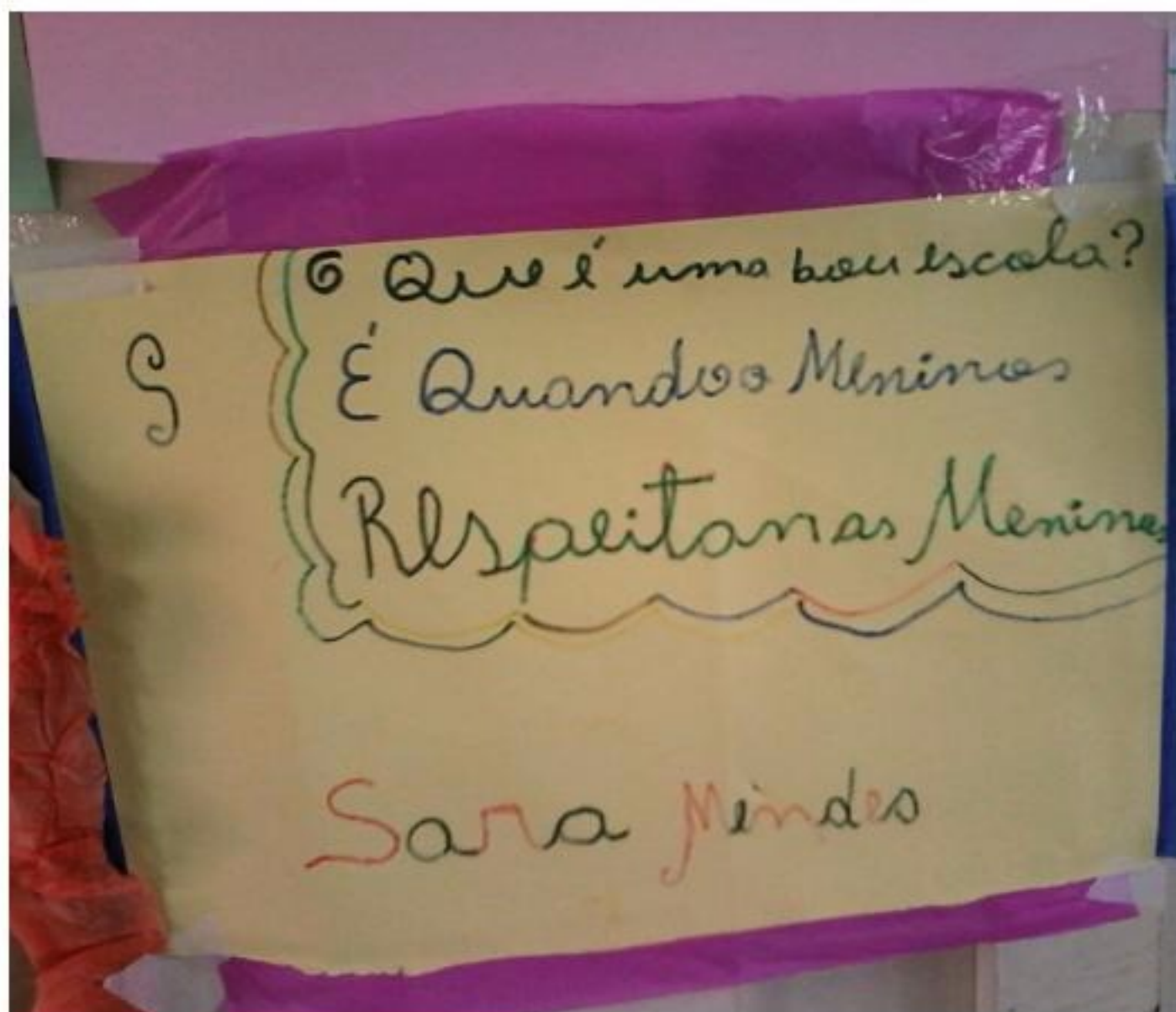


Conversas, textos e desenhos para “ouvir” alunos

Nas atividades com os alunos, eram utilizadas as chamadas “perguntas disparadoras”: ‘O que é violência pra você?’, ‘O que é preconceito pra você?’, ‘Você acha que isso existe na sua escola?’ ‘Se sim, o que é que você acha que pode ser feito pra tentar melhorar isso?’. As respostas poderiam ser verbalizadas, escritas ou até desenhadas. Para as crianças menores, muitas vezes, o desenho era a melhor forma de se expressar.

Outra dinâmica interessante se chamava “Jogue Fora o seu Preconceito”. Uma urna, papéis e canetas eram deixados em uma área de convivência da escola. Nos intervalos e horários entre as aulas, os alunos escreviam os preconceitos que percebiam tanto em si mesmos quanto nos colegas e depositavam na urna. Esses escritos eram contabilizados e analisados pelo grupo de pesquisa para verificar os preconceitos mais comuns e as suas formas de expressão.

“É interessante dizer que elementos dessa violência e preconceito foram verificados não apenas em alunos, mas também em alguns pais e professores”, constatou Mauricio Rodrigues de Souza. As formas de preconceito que mais se repetiram estavam relacionadas às características físicas e à orientação sexual, além de posturas discriminatórias contra ribeirinhos e alunos



O que é uma boa escola? foi uma das “perguntas disparadoras” utilizadas pelos pesquisadores.

oriundos do interior, especialmente no Pará.

Professores e funcionários das escolas pesquisadas também manifestaram medo, desgaste e/ou baixa autoestima. “Alguns professores se sentiam desvalorizados, inseguros e ameaçados. Soubemos de mais de um caso de conflitos físicos entre alunos, funcionários e professores”, relata o professor.

Talvez em decorrência disso, um número considerável de entrevistados apresentou posturas bastante rígidas no que se refere ao enfrentamento da violência no

âmbito escolar. Por exemplo, pedidos de policiamento no interior das escolas, câmeras de vigilância e revistas nos alunos. No entanto Mauricio não acha que essas medidas sejam efetivas ou adequadas. “O problema é que, diante disso, se ignore que mais rigidez pode significar uma resposta tão ou mais violenta contra a violência. Como alegação, veio o argumento de que, ‘nesse caso, se trata de uma violência autorizada, justificada’, o que também convida à reflexão: a violência autorizada é menos violenta?”, preocupa-se.

Entre as soluções: integração escola e família

Outras soluções apontadas pelos participantes e debatidas pelos pesquisadores incluem a maior integração entre escola e família, bem como a realização de rodas de conversa sobre diversidade sexual e étnica, inclusão social, entre outros temas. Algo observado e criticado pelos pesquisadores foi a idealização do ‘bom’ e do ‘mau’ aluno, “assim como a idealização de que existem algumas famílias absolutamente estruturadas e outras não, estabelecendo uma relação causal em que famílias desestruturadas, necessariamente, geram alunos

problemáticos, violentos etc.”, conta o professor Mauricio Rodrigues de Souza.

Em consequência, exige-se que os estudantes se encaixem no perfil do “bom aluno”. “Essa busca por homogeneização pode significar um preconceito pela desconsideração das diferenças. Nem todo aluno pode ou deve obedecer, igualmente, às mesmas coisas. Quer dizer, ele não pode ter questionamento de nada? Os questionamentos vindos das diferenças podem ser bons, eles podem fazer, inclusive, com que o professor ou o diretor repense: ‘será

que não há algo aí que eu possa aprender?’”, reflete Mauricio.

A discussão é extensa. O objetivo maior é que os resultados auxiliem na construção de políticas públicas mais eficazes na prevenção e no combate à violência e ao preconceito no âmbito escolar, sendo que um relatório final com os resultados produzidos por todas as equipes já foi entregue ao MEC. A pesquisa será de acesso público e pode ainda promover o desenvolvimento de materiais (panfletos, cartilhas, por exemplo) a serem distribuídos nas escolas.

Sabor e aroma amazônicos

Pesquisa aponta inovação na produção de chocolate em Tomé-Açu

ADOLFO LEMOS



Presença de microrganismos no processo de fermentação pode caracterizar um cacau genuinamente paraense.

■ Glauce Monteiro

Uma pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos da Universidade Federal do Pará (ITEC/UFGPA) descobriu características únicas no processo de produção de chocolate em Tomé-Açu, no nordeste paraense. O estudo revelou que, no processo de fermentação de cacau no município, atuam microrganismos cuja presença nunca foi registrada anteriormente no Brasil. “A presença desses microrganismos pode caracterizar um cacau genuinamente paraense”, afirmam os pesquisadores.

A pesquisa faz parte da Dissertação *Isolamento e Identificação Molecular de Populações de Leveduras Presentes na Fermentação do Cacau da Amazônia Brasileira*, de Gilson Chagas Júnior, sob orientação da pesquisadora Alessandra Lopes.

O trabalho foi, recentemente, defendido na Universidade e voltou-se para a identificação, por meio da análise de DNA, das leveduras que atuam no processo de fermentação do cacau, ou seja, durante a primeira etapa da produção do chocolate.

Ao todo, 90 kg de sementes obtidas em Tomé-açu, distante cerca de 200 km de Belém, foram usadas na pesquisa. Ao longo de sete dias, as amostras foram retiradas e armazenadas, asépticamente, para análise. Esse período equivale ao tempo que o produtor local utiliza para a fermentação do cacau, a fim de começar a produzir o chocolate.

Leveduras - As leveduras são os primeiros microrganismos atuantes no processo fermentativo do cacau. “Elas convertem os açúcares presentes na poupa em etanol e produzem enzimas que degradam

a pectina - um componente da parede celular das plantas - presente na fruta. Elas também produzem compostos voláteis que contribuem significativamente com o sabor e aroma do chocolate”, explica Gilson Chagas Júnior.

As análises microbiológicas, físico-químicas e também moleculares usadas para a identificação desses microrganismos mostraram que cinco espécies de leveduras estavam presentes no início do processo que converte o cacau em chocolate. “Três dessas espécies nunca antes foram relatadas em fermentação de cacau no Brasil e sua existência pode ter impacto no chocolate produzido no local da pesquisa. A descoberta pode colaborar para que o chocolate da Amazônia possa ser identificado, assim como os vinhos têm designação de origem”, indica a professora Alessandra Lopes.

Resultados são inéditos para a biotecnologia

Alessandra Lopes reforça, ainda, que conhecer o processo e os microrganismos envolvidos nele pode contribuir para a melhoria da qualidade do cacau e do chocolate produzido aqui, na região. “Além disso, a produção de inóculos - microrganismos concentrados - dessas leveduras para distribuir aos produtores rurais pode ajudar a garantir a qualidade da fermentação, o que contribui para a difusão do cacau com sabor classificado como superior no mercado”, aponta a pesquisadora.

Para a orientadora da pesquisa, o estudo contribui significativamente para as análises em relação às especificidades do chocolate amazônico, já que se volta para observar

como os microrganismos podem contribuir para as características finais do produto, incluindo seu sabor e aroma, aspectos muito importantes para os consumidores.

Pesquisa - A descoberta ainda pode apoiar a criação de vários outros produtos derivados da fermentação do cacau ou de outras frutas regionais. “É uma pesquisa que trouxe resultados inéditos para a área biotecnológica, com diversas possibilidades para a melhoria do processo de fermentação dessas leveduras na produção de cervejas e vinhos, inclusive de outras frutas com leveduras isoladas na Amazônia”, reforça Alessandra Lopes.

A dissertação integra as ações do Grupo de Pesquisa de Biotecnologia de Cacau e Cupuaçu, que, em 2008, recebeu financiamento da Fapespa. Este mais recente resultado recebeu, em 2013, apoio financeiro do Instituto Tecnológico Vale (ITV) e teve a colaboração de vários pesquisadores de outras instituições, como os do Instituto Evandro Chagas.

“O grupo de pesquisa busca desvendar a riqueza da diversidade microbiana na fermentação de cacau e cupuaçu na Amazônia, com o objetivo de produzir inóculo que possa garantir a qualidade superior do cacau produzido na Amazônia”, explica Alessandra Lopes.

Cacau em números

O Pará é o segundo maior produtor nacional de cacau e, na última safra, produziu mais de 105 mil toneladas de amêndoas secas. A expectativa do governo do Estado é que a produção supere 120 mil toneladas em 2016. A fruta é a principal matéria-prima para a produção de chocolate, que tem crescido no Pará e no Brasil.

A Secretaria Estadual de Desenvolvimento Agropecuário e de Pesca (SEDAP) aponta que 40 mil empregos diretos e 100 mil indiretos foram gerados no setor no ano passado e reforça que a agricultura familiar e o uso de Sistemas Agroflorestais na produção de cacau estão entre os maiores benefícios deste tipo de cultivo.

“O Pará é o segundo maior produtor nacional de cacau e o repasse das informações aos produtores rurais proporcionará um salto de qualidade para esta cultura tão importante para a Amazônia”, reforça Alessandra Lopes.



É Delinquentes na veia!

30 anos em atividade, banda de rock paraense é tema de pesquisa

■ Hojo Rodrigues

No melhor do estilo *underground*, a banda de rock Delinquentes completou trinta anos de carreira. Criado em 1985, o grupo já percorreu diversos Estados brasileiros tocando o gênero *hardcore crossover* com uma pitada da cultura musical paraense. E foi justamente para entender o porquê de a banda estar há tanto tempo em atividade que o músico Lucas Padilha elaborou a dissertação *Eu amo tudo o que não presta. Punk e poética em trinta anos de Delinquentes*, orientada pela professora Valzeli Figueira Sampaio, no Programa de Pós-Graduação em Artes (ICA/UFPA).

O autônomo Moisés Leite de Souza, 38 anos, conta que conheceu os Delinquentes no ano de 1998, por meio de alguns amigos roqueiros da escola e foi a vários *shows* da banda. “Era a banda do momento e o som deles chamou a minha atenção. Um grupo paraense tocando *punk* de qualidade é algo extraordinário”, diz. Fã declarado, Moisés relembra suas músicas preferidas, como “Planeta dos Macacos”. “Para mim, é a melhor banda representante de *punk rock* do Pará”, conclui.

De acordo com Lucas Padilha, Delinquentes continua sendo a banda mais antiga em cena. “O fato de a banda estar, há muito tempo, produzindo e

tocando em uma região inóspita, para o gênero *hardcore*, era o que mais me chamava atenção”, revela o pesquisador, que também buscou entender como a banda se tornou referência para muitas pessoas. “A banda Delinquentes é uma das maiores referências do cenário, se não for a maior, tanto para quem viu a banda nascer quanto para as pessoas mais jovens que estão formando uma banda hoje”, conta.

Lucas produziu um documentário com o intuito de adaptar a pesquisa a uma linguagem poética. “A partir das entrevistas que utilizei para o filme, eu desenvolvi a dissertação”, explica. O pesquisador selecionou personagens interes-

santes para as entrevistas, como integrantes atuais da banda, ex-integrantes, artistas de bandas contemporâneas e bandas mais recentes, produtores musicais, jornalistas e, obviamente, fãs.

“Fui surpreendido com o relato de um fã. Um homem que conheceu a banda ainda garoto, quando jogava *video-game* na casa de um amigo e ouvia os ensaios da banda na casa ao lado. Ele cresceu sendo um grande admirador e, hoje, os filhos dele curtem a banda. No depoimento, ele falou que, enquanto muitas pessoas têm Metallica ou Motörhead como referências do gênero, para ele, é a banda Delinquentes. Isso me marcou muito”, revela Lucas Padilha.

Modelo de pesquisa da Etnomusicologia

Com base nas entrevistas, Lucas Padilha organizou a elaboração do roteiro. Ele utilizou um modelo de pesquisa da Etnomusicologia conhecido como Modelo Tripartite de Alan Merriam, o qual é dividido em conceito, contexto e som. “Eu adaptei para a linguagem de documentário e trabalhei com contexto, comportamento e audiovisual”, afirma. Lucas explica que o “contexto” é a análise do período em que a banda surgiu; “comportamento” são os fatores que levaram a banda a produzir os sons e a relação estabelecida com outros participantes da cena musical na qual estão inseridos e “audiovisual” é a ferramenta de análise da produção da pesquisa.

Lucas explica que não fez uma análise sobre um som ou um disco específico dos Delinquentes, mas sim a análise

de um contexto antropológico e social da banda, o que vai muito além de uma obra. “Também fiz uma análise do produto audiovisual, ou seja, a análise do roteiro, para saber como se deu o desenvolvimento do roteiro e como criei a própria estética do filme, baseada nos fanzines e na cultura *punk*”, explica.

Como parte integrante da pesquisa, o documentário intitulado “Eu amo tudo o que não presta” tem trinta minutos e acabou servindo para a divulgação da pesquisa. “É um trabalho de pesquisa que extrapola as barreiras da Academia e terá um alcance maior ao ser veiculado na internet, por exemplo”, avalia o pesquisador, que pretende exibir o documentário, seguido de uma apresentação da banda Delinquentes, no teatro do prédio do PPGArtes.

Jayne Katarro, vocalista da Delinquentes, conta que a ideia da banda surgiu em uma madrugada de outubro de 1985, em meio a uma conversa com um amigo, em um ponto de ônibus. “Era Recício. Tínhamos acabado de sair de uma festa e fomos aguardar o ônibus. Um amigo, baixista da banda Insolência Pública, deu a ideia de montarmos uma banda e eu sugeri o nome ‘Delinquentes’. Automaticamente, passei do público para o palco”, relembra.

Por conta do visual e das atitudes, na época, os *punks* eram vistos como marginais. “Na verdade, éramos marginalizados, não marginais. Não cometíamos crimes. Nós saíamos para nos divertir. Mas nosso visual era muito agressivo e isso remetia ao marginal jovem, que é o delinquente. Daí o nome da banda”, explica o cantor.



Fiel ao estilo, banda já transformou carimbó em *hardcore*

Durante esses 30 anos, a banda já passou por várias mudanças na formação, o que garantiu a circulação de novas ideias e musicalidade no grupo, que moldou o som ao contexto atual. Jayme Katarro conta que “os trinta anos da banda passaram brincando. Sabíamos que não ficaríamos ricos e famosos com o estilo do som que a gente produzia, mas era o que nós gostávamos de fazer, como é até hoje”, afirma.

A agressividade da música, em comparação com as bandas de *rock* da região, e as atitudes no palco são os diferenciais da banda, que deixou sua marca registrada em várias fases da história do *rock* local. “Aqui, na região, existem muitas bandas

de *hardcore punk* com um estilo bem mais agressivo que o nosso. Mas o nosso diferencial está na musicalidade dos integrantes da atual formação, pois são pessoas que trazem outras influências musicais e acabamos dialogando com outros estilos”, explica o vocalista.

A interatividade com o público contribuiu para o longo percurso da banda, avalia Jayme Katarro. Para o músico, o público é uma extensão do *show*. “A gravação do nosso DVD foi sem palco, no anfiteatro da Praça da República, e o contato com o público foi bem direto. O resultado foi bastante diferente, pois se tivesse um palco, seria apenas mais um *show*, como outros”, conta ele, que

foi surpreendido quando soube que sua banda seria tema de uma dissertação.

Os Delinquentes já fizeram *shows* em várias regiões do Brasil e criaram laços de amizade por onde passaram. “Fizemos muitos *shows* no Nordeste. Já fomos três vezes a Brasília e, no primeiro *show* que fizemos lá, havia pessoas na beira do palco cantando nossas músicas e falando que tinham esperado mais de vinte anos para nos ver. Isso foi bem legal”, relembra o cantor. O vocalista também conta o quanto foi significativo tocar em Manaus. “Existe uma rivalidade histórica entre Belém e Manaus e sentíamos isso em certos lugares da capital do Amazonas.

No entanto essa rivalidade não existe entre o público da cultura *underground*. Nesse circuito, as pessoas nos trataram como irmãos”, afirma.

O estilo *hardcore* do Delinquentes agregou traços das raízes nortistas, como podemos perceber na palavra “Indiocídio”, neologismo que deu nome ao segundo CD da banda, o qual aborda a perda da identidade cultural indígena. “Mas, independentemente da música que dá origem ao título, os nossos temas são bem variados. Há letras que falam de guerras, por exemplo, e até mesmo sobre as baixadas de Belém”, explica o cantor, que também já transformou um carimbó em ritmo *hardcore*.



O Círio e a “cara do Brasil”

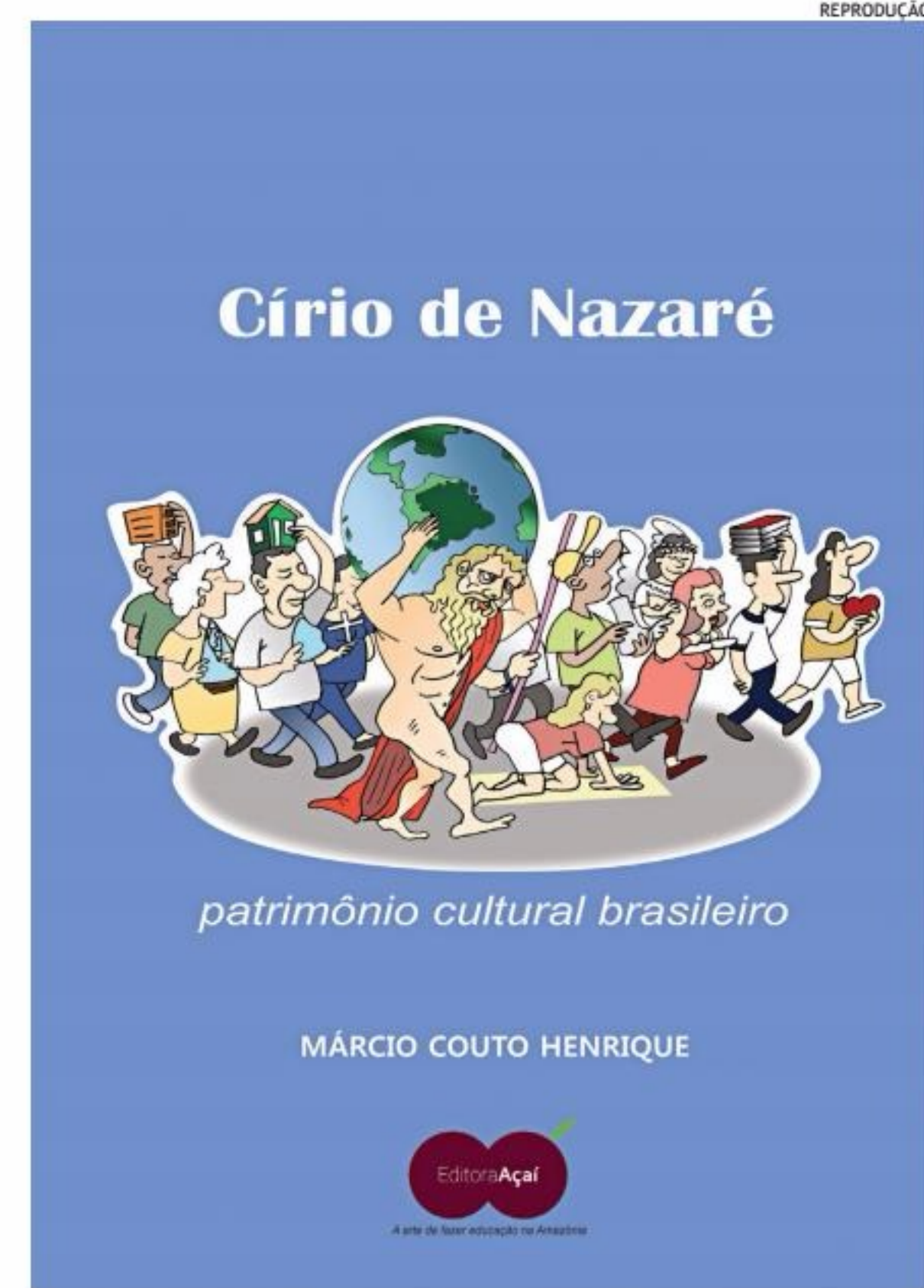
■ Walter Pinto

Círio de Nazaré: patrimônio cultural brasileiro fala sobre a mais antiga festa religiosa da Amazônia, fundada há mais de 200 anos, cujas origens ultramarinas remetem ao milagre fundador da devoção a Nossa Senhora de Nazaré, no século XII, em Portugal. O Círio paraense é aqui analisado, na sua integralidade, pelas lentes da História e da Antropologia, pelo historiador Márcio Couto Henrique.

Uma das contribuições mais originais deste estudo é analisar o Círio como um espelho multifacetado que reflete a “cara do Brasil”, fator decisivo para que recebesse o reconhecimento como patrimônio cultural imaterial brasileiro, pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional, em 2002. Márcio, aliás, é autor do estudo que subsidiou a proposta de reconhecimento enviada ao Iphan.

Como patrimônio cultural, o Círio pertence a todos os brasileiros, inclusive aos que não seguem a religião católica. É o que o autor se empenha em explicar aos leitores por meio de argumentos sólidos e de uma narrativa clara e objetiva, que torna este livro indicado para todos os níveis de ensino, assim como para o público em geral.

O Círio que vemos passar pelas páginas do livro não é apenas aquele tradicional, restrito às romarias que superlotam as ruas de Belém, mas também o das manifestações culturais criadas à margem da grande romaria do segundo domingo de outubro, como o arraial de Nazaré, o Auto do Círio e a Festa das Filhas da Chiquita, as quais, com o tempo, se impuseram no calendário da festividade, mesmo ao arrepio da Igreja, que, de diversas formas, tenta negar-lhes legitimidade.



Ao discutir o Círio como um bem-sucedido *case* de patrimônio cultural imaterial brasileiro, o autor proporciona um interessante exercício de reflexão sobre a formação da identidade cultural brasileira, e nos aponta aquilo que, imersos no acontecimento, já nem percebemos: as várias formas de se conhecer o Brasil e os brasileiros por meio do conjunto de romarias que formam o Círio.

Essa “cara do Brasil” que o Círio revela remete inicialmente à história da colonização do País pelos portugueses, que, entre tantas contribuições, nos legou a fé em Nossa Senhora de Nazaré e um modelo de procissão copiado pelo também português Francisco de Souza Coutinho, o governador do Grão Pará, que, em 1793, organizou a primeira procissão em louvor à

Virgem de Nazaré, em Belém. Tanto o Círio português como o paraense misturam religião e diversão, fé (o milagre) e festa (o arraial).

O autor de “Círio de Nazaré: patrimônio cultural brasileiro” mostra-nos que o Círio também revela a “cara do Brasil” por meio de uma crença comum à maioria dos brasileiros: a fé no milagre. Para os católicos, os santos podem interceder, junto a Deus, para que o milagre possa acontecer em suas vidas. Protestantes, por sua vez, não acreditam na intermediação dos santos, no entanto, como os católicos, acreditam num Deus com poder de fazer milagres. Os romeiros do Círio sintetizam esta fé. Os ex-votos que levam à procissão em agradecimento pelas graças alcançadas, em suas diversas formas, são testemunhos do milagre de Deus.

O Círio, portanto, não reflete apenas a fé católica, mas a de todas as religiões que acreditam no milagre divino.

Entre outras formas de se reconhecer o Brasil e os brasileiros na grande procissão do Círio, Márcio Couto cita um aspecto muito valorizado entre nós: a solidariedade. “Ser solidário é estar junto nos momentos difíceis. No Círio de Nazaré, vemos a solidariedade em muitas promessas feitas para a Virgem de Nazaré. Muitas pessoas fazem pedidos pela cura de amigos e parentes. Depois, vão pagar a promessa feita à santa. (...) Por causa da grande solidariedade que existe durante o Círio de Nazaré, muitos dizem que ele é o Natal dos Paraenses.”

Esta solidariedade vem estreitando as relações nem sempre cordiais entre católicos e protestantes. Para citar um exemplo, basta lembrar a base de apoio aos romeiros que um templo de uma igreja evangélica instala no início da Avenida Nazaré, para distribuição de água e lanches aos romeiros. Muitos podem descansar da longa e, por vezes, penosa caminhada naquele templo, que mantém portas abertas a todos. O Círio muda não só o “clima” da cidade, como também mexe com as emoções e os sentimentos dos paraenses.

“Círio de Nazaré: patrimônio cultural brasileiro” chega às livrarias junto com a quadra nazarena. É um livro que tem tessitura narrativa bem concatenada, segundo uma lógica que faz cada período remeter ao seguinte. O texto flui com facilidade, o que torna a leitura agradável e, por isso mesmo, indicada a todos os leitores.

Serviço: *Círio de Nazaré: patrimônio cultural brasileiro*. Márcio Couto Henrique. Editora: Açai.

A História na Charge

OLHE AS CRIANÇAS, CRESCEMOS JUNTOS, FAÇO PARTE DA HISTÓRIA DELAS. SOU UM PATRIMÔNIO DA FAMÍLIA!

Antigamente, o prato principal no Círio era a paca no tucupi, segundo o historiador Ricardo Borges. Mas o pato conquistou o paladar dos romeiros.



WALTER PINTO

#éprimavera



eny_tayna



rayssanascimento00



duende_de_tanga



Outubro Rosa



_luzal



adryan_schwann

*Quem não tem história
é apagado da memória.*

Foto: Alexandre Moraes

ascom/Ufpa



*Conheça as muitas histórias
guardadas em nossos acervos.*



centro de
Memória
da Amazônia - UFPA

Tv. Rui Barbosa, nº 491. Reduto - Belém, Brazil



@cma



amazonia.centrodememoria



www.bloggerdocma.blogspot.com

ascom
Associação de
Comunicação
Institucional
UFPA

